

**Abstração e luxo**  
**A arte no cinema mainstream: Um paralelo entre o luxo, pós-  
modernidade, hipermodernidade e cinematografia**

**Abstraction and luxury**  
**Art in mainstream cinema: A parallel between luxury, postmodernity,  
hypermodernity and cinematography**

DOI:10.34117/bjdv7n9-428

Recebimento dos originais: 07/08/2021

Aceitação para publicação: 24/09/2021

**Ezidras Farinazzo Lacerda Filho**

Mestrando

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Rua São Mateus Nº 547 Apto.: 402 Bairro: São Mateus CEP: 36025000 – Juiz de Fora –  
MG

E-mail: ezidras@hotmail.com

**Paula Campos de Castro**

Doutora

Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Rua Benjamin Constant, Nº 1073 Apto.: 701 Santa Helena CEP: 36015400 – Juiz de  
Fora – MG

E-mail: paula.castro@estacio.br

**Denise Mendes de Souza Gonçalves**

Doutoranda

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Rua Benedito Pinto Nº 211, São Mateus. CEP:36016-490 – Juiz de Fora – MG

E-mail: denisethejornall@gmail.com

**RESUMO**

Este artigo tem como base uma conversa entre Néstor García Canclini e Gilles Lipovetsky trazendo consigo um paralelo com o cinema, luxo e sociedade. Fomentando também questionamentos sobre o uso das obras de arte em filmes de grande veiculação mundial. Sendo assim os processos de globalização e mercado conversam entre si trazendo novas possibilidades cinematográficas para o paralelo mundial na primeira e segunda década do século XXI. Como uma revisão bibliográfica e imagens pode-se ter uma noção de como esse mercado vem mudando e se expressando de forma a agregar e não impactar massivamente o ambiente cinematográfico com o luxo e com o consumo da arte. Portanto este artigo traz consigo um questionamento sobre decoração, arte em si, posicionamento dos diretores e também aspectos sociais relacionados ao espectador.

**Palavras Chaves:** Cinema, Arte, Pós-modernidade, Luxo, Comunicação.

## ABSTRACT

This article is based on a conversation between Néstor García Canclini and Gilles Lipovetsky bringing with it a parallel with cinema, luxury and society. It also encourages questions about the use of works of art in films of great worldwide circulation. Thus, the processes of globalization and the market talk to each other, bringing new cinematographic possibilities to the world parallel in the first and second decade of the 21st century. As a bibliographic review and images, you can get a sense of how this market has been changing and expressing itself in a way that aggregates and does not massively impact the cinematographic environment with the luxury and consumption of art. Therefore, this article brings with it a question about decoration, art itself, the positioning of directors and social aspects related to the viewer.

**Keywords:** Cinema, Art, Pos-modernity, Luxury, Communication.

## 1 INTRODUÇÃO

No cinema atual, tem-se uma visão clara sobre os processos do luxo e seu reconhecimento imagético. Porém, com a evolução da propaganda o cinema precisou se adequar aos novos formatos do capitalismo e do consumismo atual. Sendo assim, as formas comunicacionais foram e irão evoluir e até mesmo transcender a mídia cinema em si. Em especial nestes artigos traz-se o cinema não somete como a sala fechada com bom som e pipoca, mas sim, as narrativas audiovisuais que se dão em diferentes plataformas de mídia e exibição, como, salas de estar, consultórios, hospitais, celulares e tablets que advieram da pura globalização e extensão da realidade transnacional. Cinema<sup>1</sup> é algo muito mais líquido e acessível, porém como o reconhecimento do luxo se dá nos filmes de alta veiculação, os ditos mainstream?

Formula-se neste artigo uma visão paralela entre as culturas híbridas de Néstor García Canclini<sup>2</sup> e a cultura do individualismo de Gilles Lipovetsky<sup>3</sup>. No mundo extremamente globalizado, tem-se visto cada vez mais uma mistura cultural que pode ou não se apropriar de diálogos com seus espectadores, falando assim, do cinema como um todo. Fazendo com que o cinema copie a vida e a vida expondo desejos e vontades de seus espectadores (YOUNG, 2014). Fazendo assim, os museus e as obras de arte serem deslocadas para novos posicionamentos de exposição, seja ele de forma inerente a direção de arte ou expressão do puro e simples luxo do status causado pela pose de uma obra que valha milhões. Na figura 1 pode-se ver um dos quadros mais valiosos do mundo moderno

---

<sup>1</sup><https://electricliterature.com/ex-machina-writer-director-alex-garland-talks-robots-consciousness-and-jackson-pollock/>

<sup>2</sup>Néstor García Canclini é um antropólogo argentino com o foco na pós-modernidade.

<sup>3</sup>Gilles Lipovetsky Filósofo Francês e teórico da hipermodernidade.

(quadro nº 5 de Jackson Pollock) que por sua vez, foi usado na direção de arte do filme *Ex-Machina* do diretor e roteirista Alex Garland em 2014 (IMDB, 2014). Claramente o diálogo de luxo é subvertido a uma crítica ao digital e as possibilidades de se replicar a arte de Jackson Pollock fidedignamente a ponto de não se distinguir a originalidade do mesmo. Seria isso possível? Mesmo que sim, o quadro original teria o custo de aproximadamente 60 milhões de dólares tornando o experimento algo luxuosamente inviável ou extremamente extravagante (BRITT, 2015). Mesmo que o Filme não tenha usado a imagem original a mensagem foi passada elevando os custos de produção e também a intensidade dos valores éticos/morais que o filme julga em sua história, que será poupada para que não seja explanando Spoilers que impossibilite a apreciação de um leitor que ainda não apreciou os filmes aqui citados.

Figura 1 - Quadro Número 5 por Jackson Pollock<sup>4</sup>



Assim como afirma Alex Garland em sua entrevista para Britt:

Britt: For me the Pollock thing helped you say that this [Ex Machina] was a new kind of science fiction movie.

Garland: Well, I wouldn't want to presume that this is a new kind of science fiction movie. But, for what it's worth it used to be a much longer scene. There was a whole separate extra element before the scene you see in the film. Could a Pollock be recreated by someone else [a robot] and with different drips and different strokes, could that be as valid. And this gets into a conversation about conciseness, that if it walks like a duck and quacks like a duck, then it's a duck. So... [in the scene not in the final film] Nathan has done this multibillionaire

<sup>4</sup><https://www.jackson-pollock.org/number-5.jsp>

guy experiment where he bought a Jackson Pollock for 60 million dollars and then he had it recreated using original canvas from the Pollock estate and had them recreated down to the microscopic level. And then he mixed them up and destroyed one of them, and he had no idea which was the original and which was the fake. So, what he's saying to Kaleb is: does it matter which is the original and which is the "fake," which is what they're discussing with the robots. With Ava. But a lot of it needed to be cut. (BRITT, 2015)<sup>5</sup>

Ou seja, além da globalização de um quadro poder ser deslocado de seu contexto seria ele possível de ser replicado por meio da robótica a fim de não termos uma arte pura de conceito criativo único? O deslocamento do papel do artista se dá quando a sua autoria se torna contestável ou até mesmo insignificante. O individualismo poderia estar deslocando significados? Bom, sabe-se que a reapropriação do cultural está sendo feita, o luxo está sendo descascado em várias camadas. Ou seja, o luxo que conhecemos hoje não é nem de longe o mesmo luxo das eras vitorianas. Tem-se nos dias atuais uma nova ressignificação da luxuosidade que se modifica conforme os indivíduos e seus valores se contrapõe a realidades da nova fase social mundial. (HALL, 2015)

Figura 2 - Ex Machina Cena Making Of Quadro Pollock



Figura 3 - Ex Machina - Cena "Sala de Controle"

<sup>5</sup> “Britt: Para mim, a coisa do Pollock ajudou você a dizer que este [Ex Machina] era um novo tipo de filme de ficção científica. Garland: Bem, não quero presumir que este seja um novo tipo de filme de ficção científica. Mas, pelo que vale a pena, costumava ser uma cena muito mais longa. Havia todo um elemento extra separado antes da cena que você vê no filme. Poderia um Pollock ser recriado por outra pessoa [um robô] e com diferentes gotejamentos e diferentes golpes, isso poderia ser tão válido. E isso gera uma conversa sobre concisão, que se ele anda como um pato e grasna como um pato, então é um pato. Então ... [na cena, não no filme final] Nathan fez um experimento multibilionário em que comprou um Jackson Pollock por 60 milhões de dólares e depois o recriou usando a tela original da propriedade de Pollock e os recriou até o microscópico nível. E então ele os misturou e destruiu um deles, e ele não tinha ideia de qual era o original e qual era o falso. Então, o que ele está dizendo para Kaleb é: importa qual é o original e qual é o "falso", que é o que eles estão discutindo com os robôs. Com Ava. Mas muito se precisava ser cortado.”



Nas *figuras 2 e 3* pode-se ver o diretor e ator contemplando a réplica que foi usada para o filme, uma vez que ela interfere diretamente no processo de entendimento da narrativa. Seria neste caso um excesso de luxo/consumo que Lipovetsky descreve em seus estudos? Ou seria um contraponto entre a Hipermodernidade e a Pós-modernidade? Ambos conceitos têm sua contradição indenitária clara e isso traz consigo uma gama de possibilidades. O deslocamento das necessidades de autoria, poderiam suprir um dos pensamentos de Lipovetsky, porém sem os hibridismos e as ressignificações sociais esse conceito não teria um pilar sólido em si mesmo. Tornando assim a arte inacessível em algo extremamente individualizado, porém, descentralizado de sua autoria original. Seria o culto ao “EU” uma brecha para teorias como das culturas líquidas de Zygmunt Bauman? Bom, neste artigo traz-se mais perguntas que respostas, porém sabe-se que o cinema está encabeçado na base deste diálogo. Fazendo uso do discurso do Luxo, da hibridização cultural para se reformular e expressar novos caminhos. Como afirma (YOUNG, 2014) os espectadores tendem a imitar as telas, fazendo com que suas vidas não sejam uma réplica dos filmes, mas que alguns aspectos sejam imitados e encarnados como verdades. Portanto isso seria o começo do deslocamento da autoria? Onde a réplica fidedigna é substitutiva do original? Ou isso seria o enfraquecimento do luxo? Bom, vê-se mais a seguir.

Uma nova geração de sociedades burocráticas e democráticas faz sua aparição, com dominante “leve” e frívola. Não mais a imposição coercitiva das disciplinas, mas a socialização pela escolha e pela imagem. Não mais a Revolução, mas a paixãoite do sentido. Não mais a solenidade ideológica, mas a comunicação publicitária. Não mais o rigorismo, mas a sedução do consumo e do psicologismo. (LIPOVETSKY, 2009, p. 180)

No filme *Woman in Gold* do diretor Simon Curtis de 2015 (IMDB, 2015), pode-se entender a obra de arte de *Gustave Klimt* de uma outra maneira, a busca por propriedade e posse por direito da obra de arte. Gerando assim uma contextualização diferente de *Ex-Machina*. Mas não tão distante, a busca por autoria e originalidade vai de encontro dos públicos de massa como afirma (CANCLINI, 2015). A resignificação aqui, fica a cabo do uso do cinema para diferentes argumentos narrativos. Sejam eles uma conversa sobre novas possibilidades ou mudanças de hábito para que o luxo seja atingido independente da sua originalidade. Trazendo consigo um pensamento sobre o que verdadeiramente é ou não é dentro do Luxo “hiper/pós moderno”. Na *Figura 4* pode-se ver Helen Mirren interpretando Maria Altmann proprietária legal de uma das obras mais caras do mundo o Retrato de Adele Bloch-Bauer I.

Figure 4 Woman in Gold com a pintura de Gustav Klimt



Adele Bloch-Bauer possesses the rare distinction as the only person Klimt ever painted twice. In 2006 Adele Bloch-Bauer I was acquired for Neue Galerie in New York. (GUSTAV-KLIMT.COM, 2011)<sup>6</sup>

Agora em um outro contexto temos a obra *Nude In A Convex Mirror*, de John Currin, em *Animais Noturnos*, dirigido e escrito por Tom Ford em 2016 como pode-se ver na figura 5 (IMDB, 2016). Além do contexto diegético da história temos também o apetite arquitetônico e de design de interiores com o uso de artefatos luxuosos para decoração das cenas dentro de praticamente todos os filmes falados aqui até o momento. Além de trazer requinte a direção de arte traz consigo uma nova forma de se consumir as obras de arte sem necessariamente ter-se que ir ao museu. Essa não necessidade não

<sup>6</sup>“Adele Bloch-Bauer possui a rara destinação de única pintura que Klimt pintou por duas vezes e em 2006 Adele Bloch-Bauer I Foi adquirida para a Neue Falerie in New York.” (GUSTAV-KLIMT.COM, 2011)

desloca de a pessoa ter que saber que essas obras de arte são de fato obras de arte. Descaracterizando a obra por si só quanto um artefato decorativo simples que se pode passar despercebido pelo espectador desavisado. Porém, também contempla de alguma forma a mostra para a grande massa por um meio mais barato que é o cinema de conhecerem novas artes aplicadas em locais eruditos de pouco acesso das classes mais baixas da sociedade. Portanto essa desapropriação gera uma ambivalência de essência entre o bom e o ruim da exposição das obras em filmes de grande veiculação. Ou seja, por um lado temos a banalização da criação que desvaloriza e empobrece o valor subjetivo da criação artística, mas também se tem o empoderamento do conhecimento e da descentralização do poder cultural exercido pelas grandes metrópoles do conhecimento. Contudo isso, não só o cenário mundial, mas também os países emergentes da América do Sul podem se beneficiar de conhecimento extra cinema. (CANCLINI, 2015).

Figure 5 Obra Nude In A Convex Mirror, de John Currin, em Animais Noturnos, de Tom Ford (Foto: Reprodução)



Na definição do luxo pelo dicionário Michaelis é “Estilo de vida que se caracteriza pelo excesso de ostentação e pelo gasto com bens de consumo caros e supérfluos; fausto, requinte, suntuosidade.” (michaelis Luxo, 2021, p. 1). Sendo assim, o luxo que esses filmes trazem de alguma forma é ainda o luxo que pode não ser tão buscado hoje em dia. Com a era do consumo também se tem pessoas em busca do luxo pessoal que transcende o que essa definição muito bem aponta. Mas como isso transforma cenários? Bom, pressupões aqui que essas horas fora de seus contextos de exposição são reduzidas a

decoreção. Independente da classe em que se encaixam esses filmes. As obras são para mera contemplação e nada mais. Componentes de um cenário facilmente substituíveis por outras obras de talvez menos prestígio. Porém, o luxo se dá com o reconhecimento de que essas obras seriam em si um requinte enorme para o que se precisa passar com a história.

## 2 CINEMA, LUXO E NOVAS VISÕES

Qual o papel do cinema na esfera cultural? Bom, seria uma grande pretensão a resposta imediata desta pergunta, mas sabe-se que um grande papel dele é expor a realidade, imitando-a de forma realista ou não para que possa gerar críticas inerentes ao que se quer contar ou contextualizar (YOUNG, 2014). Porém, o luxo, mas as novas visões do mesmo trazem consigo uma nova fase da ressignificação do termo “luxo”, dos cinemas autorais que desapropriam a arte de seu potencial erudito e tóxico para novos contextos até mesmo de pobreza como no documentário *Lixo Extraordinário* dirigido por Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley. Passando assim da arte ao lixo do luxo a arte do lixo ou vice versa. (DUARTE, 2017)

O Papel do Luxo no cinema deve se transformar ao longo de mais algumas décadas após este artigo ser escrito, porém a falta de propósito do luxo em toda sua face supérflua traz consigo uma necessidade social geral de mudança de paradigma (HALL, 2015). Oriunda de uma grande massa que sustenta estes estados e demais que não a suportam mais. Por isso a reapropriação do uso, o deslocamento de sentido e até mesmo a desordem de autoria se dão por meio de uma nova forma de se ver essas obras e esses custos. Gerando assim, um mal estar social para que algo possa sim se movimentar para além do que se precisa para uma boa vida em vida (CANCLINI, 2015).

O que aqui é chamado de novas visões nada mais é a ressignificação do luxo por meio da desapropriação do significado e a reestruturação do mesmo. Mas, contudo, levando em conta todos os processos sociais e estruturais que isso implica. A busca pelo prazer de Lipovetsky suscita uma busca incansável que se limita ao eu como a gente e transcende a necessidade agora globalizada de se reafirmar para si mesmo e para o outro enquanto se mostra. Essa visão obscura muitas das vezes dá lugar a pessoas inconsistentes, rasas e efêmeras. Que transitam no meio das artes e das narrativas de forma muito plural e avulsa do que verdadeiramente está acontecendo no cenário, como afirma Hall:



...ao mesmo tempo que a forma não é importante, o Ocidente vê-se face a face com acultura “alienada” e “exótica” de seu “outro”. A globalização, à medida que dissolve as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso. (HALL, 2015, p. 47; Apud Kecin Robins 1991 p. 25)

Não adianta se falar de luxo sem o entender no século XXI de forma mais ampla, ainda se tem pessoas que vivem os antigos conceitos de luxo, mas são cada dia menos pessoas que levam esse conceito adiante pois não basta apenas a vivência se não existe alguém suficiente para aplaudir de pé o espetáculo da exposição do luxo. Sendo o cinema um grande divisor de águas para uma reflexão sobre o “EU” consumista e o “EU” egoico das construções pós-modernas que se consolidam dentro de uma globalização social/digital e econômica (HALL, 2015).

### 3 CONCLUSÃO

A ideologia individualista e a era sublime da moda são assim inseparáveis; culto da expansão individual, do bem-estar, dos gozos materiais, desejo de liberdade, vontade de enfraquecer a autoridade e as coações morais: as normas “holistas” e religiosas, incompatíveis com a dignidade da moda, foram minadas não só pela ideologia da liberdade e da igualdade, mas também pela do prazer, igualmente característica da era individualista. (LIPOVETSKY, 2009, p. 102)

Portanto conclui-se que estes processos de reapropriação das grandes artes fazem com que o filme de alguma forma desloque seu estado de apresentação e consumo artístico do museu para casa de milhares de pessoas que não poderiam ir aos museus. Se apropriam dessa imagem para serem intelectuais e suntuosos dentro dos contextos que as apetecem. Mas que de alguma forma o Luxo por meio desses grandes atos vem se resignificando, o modelo social apresentado para as posterioridades não se assegurará de forma permanente a ponto de luxo ser sustentado por pessoas. Como passado por *Ex Machina*, o desenvolvimento tecnológico, a evolução das mídias mais a globalização não será permitida uma estatização da luxuosidade. Que se adequará aos novos modos de se ver e viver no mundo. Seria isso um novo pensamento para o reposicionamento do luxo dentro de uma esfera menos supérflua? Bom, com o entendimento de que o cinema poderá de alguma forma agregar nessa movimentação e nesses questionamentos teremos uma outra questão educacional vigente para responder antes de qualquer uma das soluções serem dadas. O reconhecimento dessas obras não se dá a todas as pessoas de primeiro contato com a obra, ou seja, não serão todas as pessoas que entenderam ao ver um quadro de *Kandinsky* nas telas, mas ao mesmo tempo isso pode gerar e gerir a curiosidade de

pessoas que buscarão por mais informações do filme e entraram em contato por meio da globalização do acesso em novos conhecimentos que já não pertencem a um só lugar.

A desapropriação de autoria seria subvertida ao luxo da obra em si exposta em qualquer formato uma vez que as mídias já não se diferenciam tanto do original, ou seja, o que é luxo sai do centro do próprio significado e começa a se apropriar do luxo pessoal dos indivíduos que ressignificam a sua maneira o que é ou não luxo para eles. Isso provavelmente ainda terá desfechos mais suntuosos uma vez que o luxo não se sustenta na popularização, mas sim na escassez do acesso.

Mas uma vez o Eu, englobando um processo de massa que seriam as globalizações e o grande acesso contraposto a uma nova subjetivação da realidade do luxo. Ser luxuoso não mas é necessário ser exclusivo e nem mesmo original, mas parecer-se ser. Perigosamente contraditório a perda do sentido também revela a necessidade social de se misturar ao imisturável chacoteando então todas as possibilidades que o real permite para quiçá até mesmo uma resposta cultural da não aceitação de si próprio como impróprio, mas também da revolta por impossibilidade.

Por fim, entende-se o processo de luxo no cinema *mainstream* algo contraditório, essencial e muito interessante de ser observado pois se essa prática virar algo constante, se poderá ver novas mensagens sendo invocadas dessas criações. Podendo assim mudar o rumo do luxo ou até mesmo do próprio consumo da arte a transformando em algo mais efêmero e desapropriado do estado de posse.

## REFERÊNCIAS

BRITT, R. Reading Into Everything. Eletric Lit, 2015. Disponível em: <<https://electricliterature.com/ex-machina-writer-director-alex-garland-talks-robots-consciousness-and-jackson-pollock/>>. Acesso em: 13 Novembro 2020.

CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 4ª. ed. São Paulo: Edusp, v. 1, 2015.

CHENG, F. Empty and Full the language of chinise paiting. 1º. ed. Boston: Shambhala, 1994.

CHRISTIE'S. Christies. www.christies.com, 2017. Disponível em: <<https://www.christies.com/features/Einstein-letters-to-Michele-Besso-8422-1.aspx>>. Acesso em: 13 Novembro 2018.

DUARTE, R. Cinema & Comunicação. São Paulo : Autêntica, 2017.

GUSTAV-KLIMT.COM. Portrait-Of-Adele-Bloch-Bauer-1. gustav klimt, 2011. Disponível em: <<https://www.gustav-klimt.com/Portrait-Of-Adele-Bloch-Bauer-1.jsp>>. Acesso em: 07 Setembro 2020.

HALL, S. A identidade Cultural na pós-modernidade. 12ª Edição. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

IMDB. Ex Machina. IMDB, 2014. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0470752/>>. Acesso em: 11 Janeiro 2021.

IMDB. Woman in Gold. IMDB, 2015. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt2404425/>>. Acesso em: 12 Dezembro 2020.

IMDB. IMDB. Animais Noturnos, 2016. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt4550098/>>. Acesso em: 15 Dezembro 2020.

IMDB. IMDB. www.imdb.com, 2017. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt6265828/>>. Acesso em: 22 Dezembro 2018.

LIPOVETSKY, G. O império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

MICHAELIS Luxo. michaelis, 2021. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=vkQ30>>. Acesso em: 15

Janeiro 2021.

PEARSON, R.; N., A. S. *Storytelling in the Media Convergence Age Exploring Screen Narratives*. 1ª. ed.

Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

SONTAG, S. *Styles of Radical Will*. São Paulo: Schwarcz LTDA, 1987.

WILLIAMS, R. *Manual de Animação*. In: WILLIAMS, R. *Manual de Animação*. São Paulo: Senac, 2016.

YOUNG, S. D. *A Psicologia vai ao Cinema*. In: YOUNG, S. D. *A Psicologia vai ao Cinema*. São Paulo: Cultrix

LTDA., 2014. p. 256.